ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

O Gênero Literário de Ação Simbólica no Livro do Profeta Ezequiel à luz de Ez 4–5: atos do profeta sacerdote

The Literary Genre of Symbolic Action in the Book of the Prophet Ezekiel in the Light of Ez 4–5: acts of the prophet priest

Maria de Lourdes Corrêa Lima
Luiz Henrique Lucas Barbosa

Resumo

Ezequiel, apesar de não ter sido o único profeta que se valeu de ações simbólicas para complementar sua pregação oral, foi certamente um de seus maiores expoentes. Mas em Ezequiel esse gênero literário é utilizado diferentemente de outros profetas como Isaías e, mais precisamente, de Jeremias. Alguns estudos têm chamado a atenção para o caráter sacerdotal da mensagem de Ezequiel. O presente trabalho parte deste dado e visa pôr em relevo os elementos que, nas ações simbólicas dos capítulos 4 e 5, revelam tal característica e apoiam esta tese. Se parte do trabalho de Andrew Compton (mas não somente dele), sem, todavia, se ater a todas as suas conclusões, e sem deixar de levar adiante alguns dos dados nele apresentados. Outras referências que cuidam do gênero literário em questão serão igualmente trabalhadas e se farão breves comparações entre seções de Ezequiel, de Jeremias e de Isaías no uso do gênero identificado. Enfim, busca-se relacionar o gênero literário de ação simbólica com o caráter sacerdotal presente nos textos estudados.

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

Palavras-Chave: Ação Simbólica. Gêneros Literários na profecia. Profeta Ezequiel. Linguagem sacerdotal.

Abstract

Jeremiah and Ezekiel, although they were not the only prophets who used symbolic actions to complement their oral preaching, were certainly two of its greatest exponents. But in Ezekiel this literary genre is used differently from other prophets such as Isaiah and, more precisely, Jeremiah. Some studies have called attention to the priestly character of Ezekiel's message. The present study starts from this data and aims to highlight the elements that, in the symbolic actions of chapters 4 and 5, reveal this characteristic and support this thesis. The work of A. Compton is especially considered, without, however, sticking to all his conclusions, and without neglecting to carry forward some of the data presented in it. Other references that deal with the literary genre in question will also be worked out and brief comparisons will be made between sections of Ezekiel, Jeremiah and Isaiah in the use of the identified genre. Finally, it seeks to relate the literary genre of symbolic action with the priestly character present in the texts studied.

Keywords: Symbolic Action. Literary Genres in Prophecy. Prophet Ezekiel. Priestly Language.

Introdução

O início do Livro do Profeta Ezequiel (Ez 1,1-3) traz as primeiras informações a respeito do personagem cujas palavras se encontram na base da obra. Embora não seja claro se "sacerdote" se refira ao próprio profeta ou a seu pai,[1] marca-se, com esta designação, a pertença de Ezequiel ao grupo sacerdotal. Ainda que não seja claro se ele realmente exerceu ou não o sacerdócio, o livro que leva seu nome demonstra detalhado conhecimento do culto e do ambiente do templo. As duas funções – profeta e sacerdote –

[1] A formulação inicial do livro não deixa claro a qual nome se refere הַכֹּהֵן na frase. Todavia, em muitos casos, a formulação N1 + בֶּן + N2 + título mostram que o título se refere ao primeiro nome citado (COMPTON, R. A., The Sign-Acts, p. 47-48, nota 2).

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

não se excluem mutuamente, de modo que é possível que elas se tenham efetivado numa mesma personagem.

A introdução geral ao livro indica, ainda, que o profeta, ao ser vocacionado, se encontrava entre os deportados na Babilônia, no quinto ano de exílio do rei Joaquin (593/592 a.C.). Segundo o último oráculo datado do livro (29,17), seu ministério se estendeu ao menos até 571, ou seja, o profeta vivenciou os tempos finais antes da queda definitiva de Jerusalém e os primeiros anos depois da catástrofe.

Os profetas atuavam como mensageiros (מַלְאָךְ)[2] de Deus aos homens. Sua forma de receber a mensagem divina e transmiti-la aos destinatários variava: visões ou audições; pregação oral, escrita ou através de dramatizações simbólicas. Diversas ações simbólicas são encontradas nos escritos proféticos, algumas vezes nem sempre de fácil decifração. Citem-se Isaías que caminha nu e descalço, Jeremias que adquire um cinto de linho que se deteriora, Ezequiel que faz um buraco no muro de sua casa e escapa por ele, Oseas que é obrigado a casar com uma mulher infiel etc. Serviam certamente de recursos para que o anúncio se tornasse plástico, visível, de modo a convencer os destinatários. Por seu caráter concreto, as ações simbólicas eram fortes meios de fixação na memória da mensagem a ser comunicada, muitas vezes servindo de recordação das palavras proféticas. Podiam, contudo, ter também outras finalidades: didática, retórica ou reflexiva, à medida que instruíam o povo, ajudavam o profeta com a transmissão da mensagem e levavam a questionamentos sobre o significado da ação para a vida dos israelitas.

Ez 4–5 traz duas seções revestidas de ações simbólicas figurativas. Para compreensão das mesmas, cada qual foi apresentada, no corpo do presente trabalho, no que tange à mensagem de cada simbologia utilizada, não se descendo a todos os pormenores de seus elementos constitutivos, uma vez não se tratar do gênero literário de analogia, importando o todo da ação. O contexto histórico é o cerco e a tomada de Jerusalém pelos babilônios. YHWH se manifesta mostrando o que vai acontecer.

O presente trabalho visa deter-se no estudo particular deste gênero literário, investigando seu uso nos textos de Ez 4–5, onde encontram-se

[2] KASPER, W., Diccionario Enciclopédico de Exégesis y Teología Bíblica, p. 88.

ReBIBLica
REVISTA BRASILEIRA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

elementos ligados aos sacerdotes e ao culto, o que demonstra a experiência de Ezequiel neste âmbito. Para tanto, tratará primeiramente do gênero em si e seus subtipos, ilustrando-os com duas passagens bíblicas, uma tirada de Is e outra de Jr. Em seguida, focalizará as pequenas unidades presentes nos dois mencionados capítulos de Ezequiel, para chegar, então, a conclusões sobre como seu caráter sacerdotal se espelha, sob certos aspectos, nas ações simbólicas impregnadas de elementos levíticos e cúlticos.

1. Ações Simbólicas

1.1. Natureza

Desde o seu nascimento até a sua morte, o ser humano tece relações associativas. Através de associações entre objetos e acontecimentos, é capaz de chegar a conclusões. Ao se passar tais experiências para o registro escrito, apresentam-se as ligações entre objetos e termos linguísticos, com a finalidade de fazer com que os destinatários cheguem à mesma conclusão a que chegou aquele que as vivenciou por primeiro.

Incontáveis vezes esse tipo de associação se dá através de símbolos, pois o ser humano é por natureza um ser comunicativo (comunica-se com o ambiente, com outros seres humanos e com outras criaturas). Quando faz a experiência da fé, também se comunica com o Criador. Surgem, portanto, símbolos e, na linguagem falada / escrita, signos linguísticos, traduzidos como a relação que se cria entre um significante e um significado: significante é a palavra, falada ou escrita; significado é a realidade que a palavra apresenta ao ouvinte.[3]

Segundo o psiquiatra e fundador da psiquiatria analítica, o suíço Carl Gustav Jung, o que se chama de “símbolo” é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais que vão além do seu significado evidente e convencional. O símbolo implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta, como uma palavra ou uma imagem, que são simbólicas quando implicam alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato.[4]

[3] FONSECA, D. L., Signo Linguístico, p. 1.
[4] JUNG, C., O homem e seus símbolos, p. 20.

ReBIBLica
REVISTA BRASILEIRA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

Em relação aos símbolos na profecia, os profetas compartilham grande potência criadora de imagens e símbolos poéticos; alguns peculiares à sua cultura, outros enraizados na experiência humana comum da natureza e da vida.[5] As ações simbólicas nos livros proféticos são atos e objetos não verbalizados, empregados intencionalmente pelos mensageiros, para que o conteúdo da mensagem possa ser comunicado através deles ao público. O propósito e a função da ação simbólica profética são, por conseguinte, os de transmitir mensagens específicas por meio de comunicação não-verbal.[6]

1.2. Características

Existem algumas características gerais das ações simbólicas proféticas. Entre as citadas por Boda e Mc Conville, estão presentes as seguintes: a) costumeiramente coordenavam ações com objetos; b) na sequência temporal, muitas foram executadas primeiro e foram seguidas pela interpretação verbal; c) a conexão entre a ação profética e seu significado frequentemente indicava uma associação, que aparece explicitada no texto ("Assim como o profeta fez..., assim também aconteceu/acontecerá..."). Na relação associativa, o profeta poderia desempenhar o papel do povo ou de Deus. Quando desempenhava o múnus divino, ao retratar como Deus agia diante do povo, diversas vezes se valia de objetos simbólicos.[7]

Donatella Scaiola aponta uma relação próxima que liga essas ações à realidade que expressam, antecipando-a de alguma forma e colocando-a em movimento. A professora italiana indica que as ações simbólicas proféticas não são meros instrumentos de comunicação, mas também um modo de concretizar a Palavra de Deus, o qual detém certa autonomia e força, que são análogas àquelas do oráculo.[8]

---

[5] ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DÍAZ, J., Profetas vol. 1, p. 17.
[6] Por trás das ações simbólicas (sua razão de ser) está a ideia da eficácia da palavra proclamada e do símbolo produzido. Essas ações atingiram seu auge em fins do século VII e início do século VI a.C., sobretudo com Jeremias e Ezequiel (Jr 13,1-11; 18,1-12; Ez 4–5; Is 20,1-6; Zc 6,9-15). JUNCO GARZA, C.; GARCÍA GUEVARA, J., Jeremías y Ezequiel, n.p.
[7] BODA, M.; MCCONVILLE, J., Dictionary of the Old Testament Prophets, p. 707-709.
[8] SCAIOLA, D., Parole Profetiche in Forma Simbolica, p.13.

ReBIBLica
REVISTA BRASILEIRA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

Por sua vez Erzberg, citando Fohrer e distinguindo as ações simbólicas dos antigos rituais mágicos, afirma que embora as ações proféticas sejam oriundas de atos mágicos, sua compreensão bíblica de sinal age gradativa e pontualmente, as privando de seu caráter mágico.[9]

1.3. Modo de Agir

Quanto ao *modus operandi* de uma ação simbólica na literatura profética, tanto as visões quanto as ações simbólicas dos profetas compartilham a percepção israelita de que YHWH pode se revelar através da experiência humana ordinária. Deus pode trazer para a situação da qual participa seu profeta um significado que vá mais além do próprio evento ocorrido.[10]

1.4. Finalidade

A finalidade das ações simbólicas consistiria, então, em que "elas eram estridentes e, portanto, adequadas para atrair a atenção e incitar escândalos", utilizando-se de elementos comuns, conhecidos pelos destinatários e facilmente disponíveis.[11] O simbolismo poderia ser esclarecido através de explicações breves e diretas. Além disso, as performances teriam sido projetadas de tal forma que poderiam ser trazidas ante seu público-alvo sem grande esforço. Uma vez que Sicre Diaz[12] vê a finalidade da ação simbólica como um sinal para o povo e que o profeta é intermediário da palavra divina, sua execução deveria ser obrigatória. Segundo o autor, as ações simbólicas são realizadas em contextos históricos efetivos e muito importantes. Por outro lado, tendo a mesma ou ainda maior eficácia que a palavra proclamada, não precisavam, como esta, sempre se referir ao futuro, mas podiam fazê-lo também em relação ao passado ou ao presente. As ações simbólicas, assim,

[9] ERZBERGER, J., Prophetic Sign Acts as Performances, p. 105.
[10] BARBOSA, L., A Ação Simbólica nos Livros Proféticos, p. 93.
[11] STIPP, H., "But into the Water You Must Not Dip It" (Jeremiah 13:1), p. 173.
[12] SICRE DÍAZ, J., Introdução ao Profetismo Bíblico, p. 114.

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

indiretamente evidenciariam a autenticidade do chamado profético e ainda teriam grande valor persuasivo.[13]

2. Gênero de relato de ação simbólica e seus subtipos

Ernst Sellin e Georg Fohrer[14] identificaram a raiz das ações simbólicas proféticas como sendo uma forma mais antiga do relato de atos mágicos. As ações simbólicas se teriam desvinculado paulatinamente dos atos mágicos, até chegarem, tal como compreendidas pelo texto bíblico, a se diferenciarem deles na medida em que é a palavra de Deus – de acordo com a qual o profeta age – e não aquele ato em si que causa o que ela indica. Em outras palavras, enquanto o ato mágico traz consigo a ideia de ilusão e é produzido exclusivamente pelo homem, a ação simbólica carrega uma mensagem verdadeira que é fruto de um comando de YHWH ao seu mensageiro.

A análise dos relatos de ação simbólica indica que sua **estrutura completa apresenta três momentos:** a) a ordem dada por YHWH para executar a ação; b) o relato a respeito da execução (o qual muitas vezes falta, porque a execução é considerada como evidente); e c) a explicação do sentido da ação. A execução da ação é vista como elemento subsidiário da ação simbólica, não aparecendo sempre nos textos.[15] Além dos elementos principais, poderiam ser acrescentados três elementos colaterais: a) informações sobre a presença de testemunhas oculares; b) expressões da promessa de YHWH de que se realizará aquilo que é simbolizado; e c) expressões da relação que a ação executada tem com o acontecimento simbolizado.[16]

Embora não haja uma nomenclatura própria para o relato de ação simbólica com a presença dos três elementos principais, aquela que apresenta todos eles poderia ser denominada de relato completo, ao passo

[13] Sobre as diferentes formas de entender a finalidade das ações simbólicas e sua crítica: FRIEBEL, K. A Hermeneutical Paradigm, p. 29-39.
[14] SELLIN, E.; FOHRER, G., Introdução ao Antigo Testamento, p. 520. Segundo estes autores, neste caso estariam as narrativas a respeito das pragas do Egito.
[15] BODA, M.; MCCONVILLE, J., Dictionary of the Old Testament Prophets, p. 708.
[16] SELLIN, E.; FOHRER, G., Introdução ao Antigo Testamento, p. 520; LIMA, M., Exegese bíblica, p. 177.

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

que aquela em que a execução da ordem é implícita (segundo elemento) seria considerada relato resumido ou relato incompleto.[17] Em todo o caso, todas as ações executadas numa ação simbólica devem ser realizadas diante de testemunhas ou de um público capaz de captar a mensagem trazida por elas. A progressão dinâmica da ação precisa ser capaz de excitar a curiosidade dos que a presenciam.

No que se refere à relação entre símbolo (ação) e referência (significado), Boda e McConville[18] vislumbram dois tipos de codificação das ações simbólicas proféticas: a) ações simbólicas icônicas; b) ações simbólicas figurativas. As primeiras apresentam explícita semelhança entre o símbolo e seu significado e pode ser ilustrada por Is 20,1-6, em que o profeta caminha nu como imagem dos deportados que seriam levados para o exílio. As segundas são codificadas de maneira arbitrária, sem que exista uma semelhança real/visual entre o símbolo e seu significado, e é representada, dentre outros textos, por Jr 13,1-11.

2.1. O Profeta Nu e Descalço (Is 20,1-6)

No texto de Is 20,1-6 podem ser percebidos os três elementos da ação simbólica: no v.2, YHWH manda o profeta tirar o pano de sobre os lombos (cintura) e descalçar as sandálias dos pés; no final do mesmo versículo se dá a notícia de que Isaías o cumpriu, andando nu e descalço; nos vv. 3-6, YHWH explica o simbolismo da ação. Trata-se, portanto, de um relato completo de ação simbólica, com seus três elementos visíveis.

Há quem date o episódio, em virtude das indicações do v. 1, por volta do ano 711 a.C., durante a revolta contra o Império Assírio conduzida por Azoto, na Filisteia, e que reuniu outras cidades da mesma região, além de Edom, Moab e talvez Babilônia, e que confiava no pacto firmado entre o Egito e a Etiópia, que à época estavam unidos sob o mesmo monarca,[19]

[17] Esta denominação não foi encontrada em nenhuma obra. Trata-se de proposta deste artigo.
[18] BODA, M.; MCCONVILLE, J., Dictionary of the Old Testament Prophets, p. 710.
[19] ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DÍAZ, J., Profetas. vol. 1, p. 196. Na época, reinava o faraó Xabaca, o terceiro da XXV dinastia do Antigo Egito, de origem núbia e o quarto rei da dinastia Napata do Reino de Kush. Governou entre 716 e 702 a.C. SOGGIN, J. A., Storia d'Isarele, p. 305.

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

e à qual se associou também o rei Ezequias.[20] Conforme certo entendimento,[21] Is 20,1-6 consiste numa narrativa estranha sob dois aspectos: a) refere-se a Isaías na terceira pessoa do singular – "Falou YHWH por intermédio de[22] Isaías, filho de Amos..." (דִּבֶּר יְהוָה בְּיַד יְשַׁעְיָהוּ בֶן־אָמוֹץ); b) trata-se da única ação simbólica existente no livro desse profeta.

O versículo 2 é introduzido por um marcador temporal "naquele tempo", que tem uma característica bastante vaga na identificação de uma ocorrência histórica específica. Há ali a introdução de um oráculo que determina a Isaías que remova seu pano e suas sandálias e ande nu e descalço. O marcador temporal parece referir-se ao momento que acaba de ser descrito no v. 1, quando Azoto foi atacada. No v.3, outro oráculo é apresentado, mas, desta vez, presume-se que Isaías já tenha realizado a ordem do Senhor, tendo andado nu e descalço durante três anos.

Essa aparente discrepância exigiu dos exegetas a necessidade de se buscar várias sugestões de como isso poderia ser resolvido. A solução mais comum é considerar o v. 2 um acréscimo posterior ao texto. Além disso, não é incomum considerar a adição como sendo obra deuteronomista.[23] Se o v. 2 foi acrescido mais tarde, isso extinguiria o problema da correlação das datas dos vv. 1 e 3, já que o oráculo no v. 3 é definitivamente ambientado ao tempo da conquista de Azoto, em 711 a.C. De outro lado, embora o vocabulário do texto se ancore bem na dicção própria dos textos mais antigos do livro, a menção de "meu servo Isaías" no v. 3, enquanto no v. 2 a palavra lhe é dirigida em 2ª pessoa, aponta para que aqui sejam encontradas diferentes mãos.[24]

O fato de ele ter andado nu pode ser uma indicação de que a ação simbólica tinha a intenção de ser publicamente notada e interpretada pelo povo em geral, e não apenas pelo rei e seus semelhantes. Mas há alguns problemas com esse simbolismo: seria possível Isaías andar nu por três anos? Wildberger chama a atenção para o fato que não é necessário pensar em três anos completos; poderia ser um tempo mais curto, iniciando-se no

[20] SOGGIN, J. A., Storia d'Isarele, p. 305.
[21] VIBERG, A., Prophets in Action, p. 83-84.
[22] Literalmente "Falou YHWH pela mão de Isaías..."
[23] VIBERG, A., Prophets in Action, p. 90.
[24] WILDBERGER, H., Jesaja. Kapitel 13—27, p. 753-754.

ReBIBLica
REVISTA BRASILEIRA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA
ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

final do primeiro ano e terminando no início do terceiro, de modo a formar, por exemplo, um total de quatorze meses. De outro lado, o texto não diz que Isaías assim andou sempre e em todo o lugar, pois então o andar nu, por si mesmo, não seria considerado pelos circunstantes um sinal profético; isto só teria sentido se houvesse uma explicação para tanto. Isaías teria insistido em exibir seu ato simbólico em algumas de suas aparições em público. A intenção certamente não era estar nu como tal, mas transmitir uma mensagem por meio de sua nudez e, portanto, só teria sido relevante quando o profeta aparecia em público. Com isso, pode-se, enfim, pensar que a indicação dos três anos se deveu ao redator, que já conhecia o período dos eventos a que tal ação estava relacionada, ou seja, a revolta contra a Assíria e seu desfecho.[25]

O gesto do profeta Isaías ilustraria, desse modo, um possível cerco de Jerusalém pelos assírios como resposta à coalisão dos reinos do Egito e de Kush em 711 a.C.,[26] enquanto a nudez teria indicado o que aconteceria após a consequente conquista de Jerusalém, ou seja, a deportação dos prisioneiros. Pois é justamente isso que Isaías nu andando por Jerusalém foi feito para ilustrar: um prisioneiro de guerra sendo levado para o exílio, um tema não desconhecido da antiguidade iconográfica do Antigo Oriente Próximo.[27]

2.2. O Cinto Arruinado (Jr 13,1-11)

O texto de Jr 13,1-11 ilustra outro subtipo de ação profética, a ação simbólica figurativa. Nesta seção jeremiana, também se percebem os três elementos da ação simbólica: nos vv.1.4.6, YHWH manda o profeta ir comprar/esconder/retomar o cinto; nos vv. 2.5.7 se dá a notícia de que Jeremias executou todas as ordens de Deus, indo comprar/escondendo e buscando o objeto; e nos vv. 8-11 YHWH explica ao profeta o simbolismo da ação. Trata-se igualmente de uma

[25] WILDBERGER, H., Jesaja. Kapitel 13—27, p. 752 e 757.
[26] Essa é uma hipótese levantada apenas por Viberg. Tal reação assíria a uma coalisão de egípcios e kushitas não foi encontrada nas obras de outros autores.
[27] VIBERG, A., Prophets in Action, p. 98.

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

ação simbólica em relato completo, com seus três elementos principais visíveis.

A ação simbólica descrita em Jr 13,1-11 pode ser localizada no tempo do rei Joaquim.[28] É vista como uma pantomima desenvolvida em três tempos, quando então YHWH dita seus comandos. Embora o oráculo ou a palavra seja o modo ordinário com que Jeremias prega a seu povo (Jr 18,18), Deus também lhe ordena realizar ações, reais ou fictícias, que possuem uma carga simbólica, e que em regra geral vão acompanhadas de uma palavra que explica e esclarece seu sentido. A mensagem profética de Jeremias, portanto, vai além das palavras: embora se acreditasse que as palavras no mundo antigo estavam eivadas do poder de realizar sua atualização, Jeremias, assim como muitos de seus antecessores, potencializou a palavra falada com a realização de uma ação simbólica.[29]

Pedro Fraile Yécora[30] traz uma coletânea de ações simbólicas levadas a termo por Jeremias (Jr 13,1-11; 27; 43,8-13; 32,6-25). Essas ações, bem como a palavra pronunciada em toda a sua plenitude, foram eficientes para fazer as coisas se concretizarem.[31] A ação simbólica, portanto, agia como um prolongamento natural da ação profética. No curso de seu movimento para transmitir a palavra de Deus, Jeremias é instruído a empregar uma de suas muitas ações simbólicas de forma a granjear a atenção e a resposta de Judá. Esses símbolos apontam para além deles mesmos e, assim, tornam a mensagem do profeta mais vívida. Pode ser que esses símbolos tivessem um tipo de ação atrasada, inerente a eles, quando então as pessoas no exílio de repente despertariam retrospectivamente para o fato. No entanto, essas ações não foram compreendidas como algo que fosse mágico ou que a ação simbólica, direta ou mesmo indiretamente, fizesse com que o evento ocorresse de alguma forma misteriosa, mágica ou psíquica. Nenhum dos atos influenciou o futuro, mas vieram meramente para melhorar e dramatizar a palavra pronunciada pelo profeta a seus ouvintes.[32]

---

[28] 609–597 a.C. HARRINSON, R. K., Jeremias e Lamentações, p. 78.
[29] JUNCO GARZA, C.; GARCÍA GUEVARA, J., Jeremías y Ezequiel, n.p.
[30] FRAILE YÉCORA, P., Acciones simbólicas, p. 18-24.
[31] FRAILE YÉCORA, P., Acciones simbólicas, p. 18-24.
[32] KAISER JR, W., Walking the Ancient Paths, p. 109.

ReBIBLica
REVISTA BRASILEIRA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

A ação simbólica relatada em Jr 13,1-11, além de complexa em suas etapas, trabalha com diversos elementos: o cinto (Judá), o "rio" (Babilônia) e o desgaste do material (deterioração do povo no exílio). Toda a ação simbólica da seção é resultado do cumprimento das ordens dadas por YHWH e carrega em si uma mensagem formada pelo conjunto desses elementos.

Por causa do orgulho/arrogância de Judá (v. 9b), Deus vai permitir ao povo conhecer sua ruína. O termo orgulho (גְּאוֹן) é polissêmico; mas, no texto de Jr 13,1-11, tendo o sentido de "soberba", implica que a profecia pode ser lida como o contraste entre a intenção de Deus de valorizar Israel como seu "objeto de orgulho" e a arrogância de Judá face ao Senhor, que resultou em infidelidade e desobediência.

Com a constatação da ruína do cinto pelo profeta, Deus faz com que Jeremias associe o desgaste do objeto com a ruína de Judá, que pereceria por seu orgulho e por sua infidelidade; deveria ter sido fiel a YHWH e estar cingido aos "rins de Deus". A infidelidade e a teimosia dos corações fariam de Judá um povo sem sentido, assim como a umidade arruína a qualidade do cinto de linho.[33] Os judaítas estão sujos e poluídos, assim como o cinto. Deus arruinará o orgulho de Judá. A ação traz à luz o simbolismo de uma união corporal: a corporeidade coletiva de Israel permanece entrelaçada à "corporeidade" de Deus, assim como um cinto permanece entrelaçado ao corpo de quem o veste; mesmo se tratando de entes distintos, estão unidos, mas não fundidos. É relação corpo-a-corpo, o que presume intimidade; e de fato, YHWH idealizara uma relação de intimidade com Judá.[34]

3. As ações simbólicas de Ez 4–5

As ações descritas em Ez 4–5 não podem ser consideradas como visões. Não há diálogo, e ainda mais importante, o verbo ver (ראה) não aparece com o sentido de que Deus faz o profeta ter uma experiência visiva. Os comandos presentes em Ez 4–5, sobretudo diante da informação em Ez 5,5 de que a palavra fora dirigida a Ezequiel, transmitem a ideia de que não

[33] SMELIK, K., The Girdle and the Cleft, p. 128.
[34] LOW, K., Implications Surrounding Girding the Loins in Light of Gender, p. 21.

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

se trata de uma visão, mas de uma audição do profeta: "Assim diz o Senhor YHWH" (כֹּה־אָמַר אֲדֹנָי יהוה). Não é, portanto, uma diretiva mediante uma visão, mas sim a ordem de tomar/colocar/levantar/fixar/queimar/tirar etc, com a finalidade de realizar uma ação simbólica.

As ações simbólicas destes dois capítulos de Ezequiel podem ser classificadas como figurativas. Não apresentam, porém, todos os três elementos característicos: em praticamente todo o capítulo 4 YHWH dá uma ordem e explica ao profeta o seu significado; no capítulo 5, dá apenas ordens nos vv. 1-4, com sua explicação nos vv. 6-17. Todavia, em momento algum é dito claramente que o profeta executou as ordens, ficando implícito seu cumprimento. Com efeito, não é encontrado nos dois capítulos de Ezequiel nenhum verbo conjugado na primeira pessoal do singular, de forma a demonstrar que o profeta tenha executado a ordem dada. Ele é praticamente apresentado como um espectador, mas não um executor, embora o ofício de profeta implicasse diretamente o cumprimento da ordem dada por YHWH. Neste caso, trata-se de relatos incompletos de ação simbólica, pois falta um de seus elementos principais constitutivos.[35]

Os episódios descritos em Ez 4–5 são difíceis de serem datados, mas existe opinião favorável a que tenham ocorrido durante o reinado de Sedecias, aproximadamente no ano 592 a.C.[36] Trata-se, segundo Viberg, de uma ação simbólica lamentativa,[37] pois Deus não irá retirar as punições, ainda que se possa esperar por sua fidelidade divina quando da repatriação pós exílica.

3.1. O Cerco de Jerusalém (Ez 4,1-3)

A ação simbólica de Ez 4 apresenta uma curiosidade na forma e, com isso, frequentemente é fragmentada em três ações simbólicas, como se houvesse uma ação e três sub-ações.

---

[35] Não é esse, contudo, o único modo como são apresentadas as ações simbólicas no livro de Ezequiel. De fato, em Ez 12,1-16, o relato é completo, com os três elementos constitutivos.
[36] ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DÍAZ, J., Profetas. vol. 2, p. 687-689.
[37] VIBERG, A., Prophets in Action, p. 203.

ReBIBLica
REVISTA BRASILEIRA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA
ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

Os vv. 1-3 tratam do cerco de Jerusalém. YHWH manda a Ezequiel que pegue um tijolo, desenhe nele uma cidade (que represente Jerusalém), coloque em sua volta trincheiras, um aterro, forme um acampamento, rodeie de aríetes, use uma panela de ferro como muralha e, por fim, fixe seus olhos sobre ela.

Um primeiro questionamento surge sobre a multiplicidade de aparatos do cerco: seriam eles um desenho no mesmo tijolo ou uma estrutura construída ao redor dele? Parece inapropriada a primeira opção, tendo em vista que o tijolo precisaria ser muito grande para comportar tantos elementos desenhados. Além disso, o verbo desenhar/gravar (חקק)[38] só é utilizado para a figura da cidade, conforme Ez 4,1. Para os demais elementos simbólicos Ezequiel se vale de outros verbos como: colocar (נתן), construir (בנה), amontoar (שׁפך) e fixar (שׂים).[39] É possível, no entanto, que outros tijolos representando os demais elementos tenham sido colocados ao redor daquele destinado à figura da cidade.

O tipo de cerco descrito por Ezequiel era comum à atividade bélica dos assírios, que depois foi herdada pelas tropas da Babilônia. O uso do substantivo "parede de cerco" (דָּיֵק) não deixa claro se se trataria mesmo de uma muralha ou uma espécie de torre. Mas o fato de ser algo que rodeie a cidade impede a compreensão de uma torre (objeto fixo). Mais provavelmente seria mesmo um muro. A panela ou prato de ferro (מַחֲבַת) que se coloca representaria a força do exército babilônio aguardando a cidade se render diante do cerco; os exegetas descartam a possibilidade de o muro de ferro ser usado como proteção pelos judaítas. Já o profeta que olha para Jerusalém pode significar YHWH olhando inerte a derrota de Seu povo.[40] Haverá entre ela e Deus, representado pelo profeta, total separação.

Chama a atenção o uso do termo מַחֲבַת, termo raro, que, fora de Ez 4,3, ocorre ainda somente quatro vezes na Bíblia Hebraica. Destas, três vezes aparece no livro do Levítico, indicando um utensílio utilizado na preparação de ofertas vegetais: 2,5 (em relação a qualquer pessoa que faça a oferenda); 6,14 (nas instruções dadas aos sacerdotes); 7,9 (explicitando

[38] ALONSO SCHÖKEL, L., Dicionário Bíblico Hebraico-Português, p. 241.
[39] GESENIUS, H., Hebrew-Chaldee Lexicon on the Old Testament, p. 573, 127, 843 e 787.
[40] VIBERG, A., Prophets in Action, p. 182-188.

ReBIBLica
REVISTA BRASILEIRA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA
ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

que a oferta assim preparada é destinada ao sacerdote que fez a oblação). A quarta ocorrência está em 1Cr 23,29, em que o utensílio é citado em relação a algumas tarefas dos levitas, confirmando, assim, a evocação, com este termo, do âmbito sacerdotal em Ez 4,1-3.[41]

3.2. O Profeta Deitado (Ez 4,4-8)

Os vv. 4-8 cuidam do profeta se deitando uma vez de um lado e outra vez de outro. O deitar-se para o lado esquerdo por 390 dias representa a punição para a casa de Israel (390 anos); ao passo que para a casa de Judá está reservado o lado direito, pelo tempo de 40 dias (simbolizando 40 anos). Os comentadores de Ezequiel apontam a impossibilidade de se compreender o exato sentido dos tempos de punição de Judá e Israel, pois eles não correspondem ao período dos dois exílios. Tem-se entendido ainda que a punição não era para o profeta e sim para o povo; por isso, Ezequiel deveria deitar-se de vez em quando e não todos os dias ou o dia todo.[42] O importante era o povo ver os símbolos da ação determinada por Deus. No entanto, o total dos dias (430, somando-se 390 e 40) relembra o número de anos que, segundo Ex 12,40-41, Israel esteve no Egito. O número 40 indica, por sua vez, segundo Nm 14,33-34, o período em que o povo expiou sua culpa no deserto.[43] Assim sendo, tais cifras poderiam ter por finalidade indicar um tempo necessário de sofrimento e expiação da culpa. A ideia de expiação é corroborada pela expressão "carregar a culpa" (נָשָׂא עָוֹן; v. 5-6), que, em Ex 28,38 e Nm 18,1, refere a missão expiatória do sacerdote.[44] Por outro lado, partindo do interesse de Ezequiel pelo templo, que ele vê profanado (Ez 8,1-18) e do qual a glória do Senhor se afasta (Ez 10,18-22), Zimmerli se pergunta se os anos da culpa de Israel não poderiam ser considerados aqueles referentes ao primeiro templo, até culminar com a sua destruição pelos babilônios.[45]

---

[41] COMPTON, R. A., The Sign-Acts, p. 67. O autor defende ainda que, colocando o utensílio entre a cidade e o Senhor, Ezequiel realiza uma função sacerdotal, como mediador entre duas partes.
[42] VIBERG, A., Prophets in Action, p. 193; TAYLOR, J. B. Ezequiel, p. 73.
[43] ZIMMERLI, W. Ezechiel 1—24, p. 116; TAYLOR, J. B. Ezequiel, p. 73.
[44] ZIMMERLI, W. Ezechiel 1—24, p. 117.
[45] ZIMMERLI, W. Ezechiel 1—24, p. 119.

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

A expressão נָשָׂא עָוֹן é muitas vezes utilizada para expressar o perdão (Ex 34,7; Nm 14,18; Os 14,3) e é atestada em vários textos de índole sacerdotal. Em Lv 10,17 e 16,22 diz respeito à expiação da culpa e, neste último texto, ocorre no contexto do ritual do dia da expiação, referida ao animal que, enviado ao deserto, carrega as culpas do povo.[46] Nesse sentido, , nesta ação simbólica Ezequiel realizaria, ao "carregar a culpa da casa de Israel", uma função sacerdotal.[47]

O profeta tem o braço levantado para profetizar contra a cidade, mostrando o poder de Deus de agir. Quanto às cordas com que é amarrado, tem-se interpretado simbolizar o desejo de YHWH de que Ezequiel, representando o povo de Jerusalém, não consiga escapar do cerco a ele imposto.[48] Se é admitido que aqui Ezequiel atue também a partir de sua função sacerdotal, as "cordas" indicariam a ligação que ele, enquanto representante do povo, tem para com este.[49]

3.3. A Refeição de Ezequiel (Ez 4,9-17)

Os vv. 9-17 trazem por tema o profeta preparando uma refeição. São citados vários tipos de cereais e algumas medidas hebraicas: o "siclo" pesava 11,4 gramas; o "hin" correspondia a 3,5 litros. Nesta ação, o foco muda do cerco levado a termo fora da cidade para a situação encontrada pelo profeta dentro de Jerusalém. Ezequiel é instruído a preparar comida e água para uma situação de cerco, com estimativas específicas para que a comida e a água durem para todos de acordo com as porções fixadas. O v. 12 traz a orientação quanto ao combustível para preparar os pães/bolos de cereais: por meio de esterco humano.

O v. 13 traz uma adição posterior ao texto, feita a partir de um contexto exílico ou pós-exílico, a fim de atualizar a interpretação do ato simbólico.[50] Muda o enfoque – de acusação para punição – e aponta-se para um significado futuro; ou seja, não enquanto o cerco é iminente,

[46] COMPTON, R. A., The Sign-Acts, p. 67-68.
[47] BLOCK, D. I., Ezekiel 1-24, p. 176-177.
[48] VIBERG, A., Prophets in Action, p. 190-194.
[49] COMPTON, R. A., The Sign-Acts, p. 70.
[50] ZIMMERLI, W. Ezechiel 1—24, p. 96-97.

ReBIBLica
REVISTA BRASILEIRA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA
ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

mas quando Ezequiel tem outra mensagem urgente a proclamar: o povo deve aprender a suportar sua culpa no exílio.

Nos vv. 14-15, Ezequiel protesta contra aquilo que considera uma impureza que jamais praticou em sua vida: os excrementos humanos contaminariam o alimento a ser consumido por um sacerdote. Evidencia-se a preocupação sacerdotal com o puro e o impuro. O texto de Dt 23,9-15 sugere, de fato, que os excrementos traziam impureza para o acampamento. Como resposta à objeção de Ezequiel, Deus cede e permite que os excrementos humanos sejam trocados por excrementos bovinos. Dessa forma, Ezequiel pode realizar a ação sem que sua identidade sacerdotal fosse tocada.[51]

A carestia de pão e água trazidas pelos vv. 16-17 simbolizam as dificuldades que os habitantes de Jerusalém sofrerão no interior da Cidade Santa enquanto sitiada. Jerusalém passará por grandes privações (vv. 9-17), com escassez de alimento e de água (v. 10-11). O pão, sustento básico, será retirado (v. 16). A variedade de cereais representa a busca desesperada por restos de alimentos que sobrariam nas despensas de Jerusalém.[52] Assim, com a objeção de Ezequiel no v. 14, transforma-se o sentido do ato simbólico, que deixa de indicar que o povo comeria alimentos impuros (v. 13) e passa a significar a carestia (vv. 16-17).

3.4. O corte da Barba e do Cabelo do Profeta (Ez 5,1-4)

No capítulo 5 de Ezequiel encontram-se duas partes representantes dos elementos principais de uma ação simbólica: os vv. 1-4 trazem o comando divino para que o profeta pegue uma espada afiada, corte seu cabelo e sua barba, pese os pelos numa balança e os divida em três terços, com atribuições distintas para cada cota; nos vv. 5-17 está a longa explicação da ação simbólica.

O tema, portanto, da primeira parte (vv. 1-4), na qual se concentra propriamente a ação simbólica, é a divisão dos pelos (cabelo e barba). Uma espada é utilizada como navalha, porque a espada representa o julgamento nas mãos de YHWH; o uso do mesmo objeto reaparece no v. 2 quando se

[51] COMPTON, R. A., The Sign-Acts, p. 72-74.
[52] VIBERG, A., Prophets in Action, p. 196-198.

ReBIBLica
REVISTA BRASILEIRA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA
ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

trata de o profeta tomá-la em suas mãos para ferir o segundo terço dos cabelos em volta da cidade e o Senhor enviá-la ao terço restante. Is 7,20 também cuida do tema da raspagem de pelos (cabeça, pernas e barba), separando-os da pele, como forma de se referir ao rei da Assíria enviado por YHWH para isso. A passagem isaiana, que indica o juízo para o povo, pode estar na base do presente texto de Ezequiel. Mas, neste último, em forma de ação simbólica, ganha em intensidade, uma vez que não é utilizado o instrumento esperado, mas sim uma espada.[53]

A calvície era sinal de vergonha (2Sm 10,4-5), a menos que tenha sido realizada em circunstâncias apropriadas, como quando um nazireu havia sido contaminado ou estava prestes a terminar seu período de nazireato.[54] Como este último não era o caso de Ezequiel, ele sofreria inevitavelmente vergonha e humilhação, que simbolizaria a vergonha do povo ao sucumbir ao inimigo apesar de seu Deus ser poderoso. E, no caso de Ezequiel, isso teria sido ainda mais vergonhoso, já que fazer a barba era algo proibido aos sacerdotes (Lv 19,27). Há quem estabeleça relação entre Ez 5,1 com Nm 6,1-21, que trata do voto de nazireu, justificando que um sacerdote só realizaria uma ação simbólica de raspar cabelo e barba se fosse desfazer o nazireato. Simbolicamente, assim como um consagrado nazireu rompe com seu voto ao cortar os cabelos, assim também Israel e Judá haveriam rompido com sua santidade ao adorarem outros deuses que não YHWH.[55] Em que pese a força de tais argumentos, não há provas sustentáveis de que Ezequiel tivesse feito voto de nazireato.

A primeira pilha de cabelos deve ser usada para ser queimada dentro da cidade; a segunda é para ser atacada fora da cidade por meio de uma espada no meio do acampamento inimigo em miniatura; e a terceira deve ser espalhada ao vento (mas a espada irá atrás dela). Em relação à terceira pilha, alguns cabelos devem ser amarrados na bainha do manto de Ezequiel, mas mesmo desses poucos alguns serão levados e jogados ao fogo.

Ezequiel, nas três ações feitas com os cabelos, representa o papel de Deus; já o cabelo simboliza o povo. O primeiro terço do cabelo, que deve ser queimado dentro da cidade, simboliza aquilo que ocorrerá dentro da

[53] ZIMMERLI, W. Ezechiel 1—24, p. 128-129.
[54] VIBERG, A., Prophets in Action, p. 202.
[55] VIBERG, A., Prophets in Action, p. 202-203.

ReBIBLica
REVISTA BRASILEIRA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA
ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

cidade, quando da investida babilônica final. É um símbolo convencional para o destino do povo nas mãos dos babilônios, o que também é descrito como punição divina. O segundo terço, Ezequiel é instruído a golpear com a espada fora da cidade, simbolizando que aqueles que tentarem escapar depois que a cidade tivesse sucumbido nas mãos do babilônios também cairão. O terceiro terço, que será espalhado ao vento, Deus os perseguirá. Permanece incerto se este último dado se refere a algum ato simbólico adicional por parte de Ezequiel ou é uma simples referência figurativa do fato de que mesmo aqueles que parecem escapar acabarão sendo capturados. Porém, indica aqui a dispersão do povo e o exílio.[56]

A pequena parte dos pelos que Ezequiel deve tirar da terceira pilha de cabelos e amarrar nos cantos de seu manto (v. 3) simboliza, de forma convencional, a noção de resgate e segurança, de modo a se pensar num "resto". Isso pode significar a esperança de que haverá a libertação, por Deus, dos cativos em Babilônia. Por outro lado, pode representar também aqueles que conseguirão escapar ao cerco e se salvar da deportação. Por fim, mesmo dentre esses, Ezequiel deve tirar uma pequena parte e lançar ao fogo (v. 4), como um simbolismo para o destino daqueles que parecem convencidos de que escaparam, mas que serão capturados pelo inimigo.[57] Ideia semelhante encontra-se em Ez 20,33-35, em que aqueles que serão salvos também devem ser submetidos a um julgamento.[58]

Alguns elementos mencionados nesta ação simbólica evocam o âmbito sacerdotal. "Barba" e "cabelos" (זָקָן; שֵׂעָר ou simplesmente רֹאשׁ) são mencionados, juntos, além de Ez 5, ainda onze vezes na Bíblia Hebraica. Em Lv 13,29-30 (2 vezes); em 14,9 diz respeito à purificação da lepra a ser constatada pelo sacerdote; em Lv 19,27; 21,5, fala-se dos cabelos e da barba do sacerdote; Esd 9,3 menciona o gesto do escriba-sacerdote Esdras de, em sinal de dor, raspar seus cabelos e a barba; o Sl 133,2 refere o óleo da unção sacerdotal na cabeça e na barba. Em outros casos, a dupla vem relacionada a ritos de lamentação (Jr 15,2; Jr 41,5; 48,37) ou à vergonha por que passam povos vencidos (Is 7,20). Há, desse modo, certa concentração em relação ao âmbito sacerdotal e ritual.

[56] VIBERG, A., Prophets in Action, p. 206.
[57] VIBERG, A., Prophets in Action, p. 200-206.
[58] ZIMMERLI, W. Ezechiel 1—24, p. 131.

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

O âmbito ritual é atestado ainda em outros textos. Nm 5,11-31 indica que o sacerdote solta os cabelos da mulher suspeita de adultério e lhe impõe um rito que deve comprovar se é ou não culpada. Em Dt 21,10-14, a mulher estrangeira que será desposada por um israelita deve passar por ritos, dentre os quais está o de cortar os cabelos. A raspagem de pelos do corpo está também ligada aos ritos de purificação dos levitas (Nm 8,7) e à finalização do período de nazireato (Nm 6,1-18). Em Lv 21,5, os sacerdotes não devem raspar os cabelos e a barba como parte dos sinais de seu estado de consagração ao serviço de Deus.[59]

Visto os âmbitos em que são citados os dois termos em questão, e ainda sua relação com a ação de raspar cabelos e barba, observa-se sua concentração sobretudo em relação ao ofício sacerdotal.

Conclusão

As seções de Ez 4–5 são classificadas pelos estudiosos como representantes do gênero literário "relato de ação simbólica", gênero literário cujo uso atingiu o seu clímax nos últimos anos antes da queda de Jerusalém e no tempo do exílio babilônico.[60]

Este gênero literário apresenta três componentes principais: a ordem divina ao profeta para executar a ação especificada, sua execução e a interpretação da ação simbólica. Dentro do Livro do Profeta Ezequiel, encontram-se ações simbólicas com relato completo e ações simbólicas com relato resumido, ou seja, aquelas que apresentam seus três elementos principais (comando, execução e explicação) ou apenas dois deles (comando e explicação), restando implícito o cumprimento da ordem pelo profeta. As ações simbólicas de Ez 4–5 trazem ordens divinas ao profeta (Ez 4,1-4.6-7; 5,1-4) e, ao final, a interpretação dessas ações (Ez 4,3.8.13; 5,7-17), apresentando-se, assim, como ações com relatos resumidos.

Todavia, quanto a seu teor, não se trata, nos capítulos analisados, de ações simbólicas como as que utiliza Jeremias e Isaías, uma vez que nelas há traços que indicam uma personalidade familiarizada com o culto. Em Ez 4–5 encontram-se pistas do ofício sacerdotal do profeta, demonstrando-

[59] HARTLEY, J. E., Leviticus, p. 348.
[60] SICRE DÍAZ, J., Introdução ao Profetismo Bíblico, p. 106.

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

se, desse modo, que Ezequiel explicita seu sacerdócio também nas ações simbólicas das quais se vale. Alguns termos e expressões apontam nessa direção. Assim o uso do substantivo מַחֲבַת em Ez 4,3, um utensílio utilizado pelos sacerdotes e em algumas atribuições dos levitas. Também a expressão נָשָׂא עָוֹן, usada com frequência para expressar o perdão e que é ratificada em textos de caráter sacerdotal (Lv 10,17; em 16,22 se refere à expiação de culpa); Ezequiel, nesse contexto de purgação, realizaria então uma função sacerdotal. Destaca-se também a preocupação sacerdotal com a pureza (Dt 23,9-15), quando, para evitar a impureza dos excrementos humanos no cozimento de pães, YHWH atende ao pedido de Ezequiel e autoriza a troca por excrementos bovinos. Com isso, Ezequiel realiza a ação simbólica sem macular sua condição sacerdotal. Também outras associações da ação simbólica com o âmbito sacerdotal aparecem na menção de "barba" e "cabelos" (זָקָן; שֵׂעָר ou apenas רֹאשׁ) são citados juntos, em Ez 5, como em outros textos veterotestamentários de índole sacerdotal ou que se referem ao ofício de sacerdote ou ao âmbito ritual.

Mesmo sendo famoso por suas visões, Ezequiel também trabalha, portanto, com ações simbólicas. Se em suas visões espelha-se seu conhecimento do templo e do culto, também suas ações simbólicas são vivenciadas em estreita relação com sua índole sacerdotal, o que transparece não só na terminologia empregada, mas também em temáticas afeitas ao âmbito cúltico. Tal consideração permite ao intérprete do texto sagrado compreender de modo mais profundo a mensagem transmitida nesses que são textos de grande densidade literária e teológica.

Referências bibliográficas

ALONSO SCHÖKEL, Luís. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997.

ALONSO SCHÖKEL, Luís.; SICRE DÍAZ, José Luís. **Profetas**. vol. 1. Isaias, Jeremias. São Paulo: Paulus, 1988.

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

ALONSO SCHÖKEL, Luís.; SICRE DÍAZ, José Luís. **Profetas**. vol. 2. Ezequiel, Doze Profetas Menores, Daniel, Baruc e Carta de Jeremias. 2ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BARBOSA, Luiz Henrique L. **A Ação Simbólica nos Livros Proféticos**: Análise Exegética de Jr 13,1-11. Rio de Janeiro, 2023. 112p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BARRIOCANAL GÓMEZ, José Luis. **Diccionario del profetismo bíblico**. Burgos: Monte Carmelo, 2007.

FRAILE YÉCORA, Pedro. **Acciones simbólicas**, DDPB, p. 18-24.

BLOCK, Daniel I. **Ezekiel 1—24**. Grand Rapids; Cambridge: W. B. Eerdmans, 1997.

BODA, Mark. J.; MCCONVILLE, Gordon J. **Dictionary of the Old Testament Prophets**. Downers Grove: Inter Varsity. 2012.

COMPTON, Andrew R. The Sign-Acts of Ezekiel 3:22-5:17. Formative Rituals of Priestly Identity. **Mid-America Journal of Theology**. v. 29. p. 47-80, 2018.

ERZBERGER, J. Prophetic Sign Acts as Performances. In: **Jeremiah Invented**: Constructions and Deconstructions of Jeremiah. Else K. Hot & Carolyn J. Sharp (eds.). London: Bloomsbury Publishing, 2015.

FRIEBEL, Kelvin G. A Hermeneutical Paradigm for Interpreting Prophetic Sign-Actions. **Didaskalia**. v. 12, n. 2. p. 25-45, 2001.

FRIEBEL, Kelvin. G. **Sign Acts**, Dictionary of the Old Testament Prophets, p. 707-713.

GESENIUS, Heinrich Friedrich W. **Hebrew-Chaldee Lexicon on the Old Testament**. Grand Rapids: Baker, 1979.

FONSECA, Denyse. L. **Signo Linguístico**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/linguistica/signo-linguistico/#:~:text=O%20significante%20%C3%A9%20entendido%20como,outros%20signos%2C%20compondo%20um%20sistema.>. Acesso em: 14 out. 2023.

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

HARRINSON, Roland Kenneth. **Jeremias e Lamentações**. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1984.

HARTLEY, John E. **Leviticus**. Dallas: Word Books, 1992.

JUNCO GARZA, Carlos.; GARCÍA GUEVARA, Jorge. **Jeremías y Ezequiel**. Estella: Verbo Divino, 2020.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

KAISER JR, Walter. C. **Walking the Ancient Paths**: A Commentary on Jermiah. Bellingham: Lexham, 2019.

KASPER, Walter. **Diccionario Enciclopédico de Exégesis y Teología Bíblica**. Barcelona: Herder, 2011.

LIMA, Maria de Lourdes C. **Exegese bíblica**: teoria e prática. São Paulo: Paulinas, 2014.

LIMA, Maria de Lourdes C. **Mensageiros de Deus**: profetas e profecias no antigo Israel. São Paulo: Reflexão; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2012.

LOW, Katherine. **Implications Surrounding Girding the Loins in Light of Gender, Body, and Power**. Sheffield: Sheffield Academic, 2011.

SCAIOLA, Donatella. Parole Profetiche in Forma Simbolica. Assisi: Cittadella Editrice, 2018.

SELLIN, Eenst; FOHRER, Georg. **Introdução ao Antigo Testamento**. V. 2. São Paulo: Paulinas, 1977.

SICRE DÍAZ, José. Luis. **Introdução ao Profetismo Bíblico**. Petrópolis: Vozes, 2016.

SMELIK, Klaas A. D. The Girdle and the Cleft: The Parable of Jeremiah 13,1-11. **Scandinavian Journal of the Old Testament**. v. 28, n. 1. p. 116-132, 2014.

SOGGIN, Jan Alberto. **Storia d'Israele**. Brescia: Paideia, 2002.

ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a03

STIPP, Hermann Josef. **"But into the Water You Must Not Dip It"** (Jeremiah 13:1) – Methodological Reflections on How to Identify the Work of the Deuteronomistic Redaction in the Book of Jeremiah. In: BEN ZVI, E.; LEVIN, C. (Eds.). Thinking of Water in the Early Second Temple Period. Berlin: De Gruyter, 2014.

TAYLOR, John B. **Ezequiel**. Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1984.

VIBERG, Ake. **Prophets in Action**: An Analysis of Prophetic Symbolic Acts in the Old Testament. Winona Lake: Eisenbraus, 2014.

WILDBERGER, Hans. **Jesaja. Kapitel 13—27**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1989.

ZIMMERLI, Walther. **Ezechiel 1—24**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1979.

Maria de Lourdes Corrêa Lima
Doutora em Teologia Bíblica pela Pontificia Università Gregoriana
Docente no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro/RJ – Brasil
E-mail: mllima@puc-rio.br

Luiz Henrique Lucas Barbosa
Mestre em Teologia Bíblica pelo departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro/RJ – Brasil
E-mail: luizhlbarbosa@hotmail.com

Recebido em: 20/11/2024
Aprovado em: 05/04/2024